

Pescadores de imagens: análise do uso de imagens nas pesquisas do projeto RENAS por meio da perspectiva da antropologia visual

Image fishers: an analysis of the use of images in the RENAS project research through the perspective of visual anthropology

Fernanda de Lourdes de Almeida Camposa

Universidade Federal do Pará

Belém, PA, Brasil

contato.fernandacampes@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-2651-2243>

Recebido em: 30 de junho de 2024

Aceito em: 30 de julho de 2024

Resumo

O Projeto RENAS realiza dezenas de estudos no âmbito das populações tradicionais, haliêuticas visando compreender e valorizar os conhecimentos que perpassam pela identidade sociocultural desses grupos. Durante sua construção, foi fundado o Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos (LAMAq), que possui um vasto acervo documental e o Banco Imagético BIP RENAS. O objetivo deste trabalho foi de identificar a produção audiovisual presente nas monografias orientadas pela Dra. Lourdes Furtado que sejam correlacionadas com antropologia da pesca e as imagens sobre a Terceira Fase do Projeto presente no BIP RENAS, analisando e correlacionando com a perspectiva da antropologia visual sobre o uso imagético em pesquisas etnográficas. Nas monografias, foram levantadas 218 imagens e 15 anexos, divididas em 3 categorias: fotografias, ilustrações/desenhos e anexos nas monografias. No Banco Imagético, elas foram classificadas em a) nome da pasta e b) quantidade de subpastas c) quantidade de fotografias e d) quantidade de vídeos. Foram constatadas de 15 pastas, algumas delas divididas em subpastas, somaram 2.582 imagens e 4 vídeos. Pode-se analisar que os pesquisadores do Projeto se preocuparam com a utilização de imagens para registros: para comprovação de campo, para construção da memória do projeto ou como metodologia para a análise de instrumentos e culturas das populações pesquisadas. Esse trabalho demonstra um diálogo já existente com o uso imagético, que pode ser aprofundado com a propagação do debate da antropologia visual conjuntamente com o da antropologia da pesca, que se faz extremamente necessário para potencializar ainda mais essas pesquisas etnográficas.

Palavras-chave: Banco de imagens. Uso imagético. Antropologia da pesca.

Abstract

The RENAS Project carries out dozens of studies within the scope of traditional, fishery populations in order to understand and value the knowledge that permeates the sociocultural identity of these groups. During its construction, the Laboratory of Anthropology of Aquatic Media (LAMAq) was founded, which has a vast document collection and the BIP RENAS Image Bank. The objective of this work was to identify the audiovisual production present in the monographs supervised by Dr. Lourdes Furtado that are correlated with fishing anthropology and the images on the Third Phase of the Project present in BIP RENAS, analyzing and correlating with the perspective of visual anthropology on the use of images in ethnographic research. In the monographs, 218 images and 15 attachments were collected, divided into 3 categories: photographs, illustrations/drawings and attachments in the monographs. In the Image Bank, they were classified into a) folder name and b) number of subfolders c) number of photographs and d) number of videos. There were 15 folders, some of them divided into subfolders, totaling 2,582 images and 4 videos. It can be seen that the Project's researchers were concerned with using images for recording: for field verification, for building the project's memory or as a methodology for analyzing instruments and cultures of the researched populations. This work demonstrates an existing dialogue with the use of imagery, which can be deepened with the propagation of the debate on visual anthropology together with the anthropology of fishing, which is extremely necessary to further enhance these ethnographic researches.

Keywords: Image bank. Imagery use. Fishing Anthropology

1. Introdução

A história da antropologia visual confunde-se e mistura-se com o desenvolvimento dos métodos fotográficos, e data a segunda metade do século XIX. O ser humano sempre teve a necessidade de capturar o olhar, o momento, e era exatamente o que as fotografias conseguiam fazer. Durante as idas a campo, o contato com diferentes culturas causava um estranhamento, inquietação sobre aquilo que se via. Passava-se, então, a haver uma necessidade de observação, que se transcrevia em seus cadernos de campo, e posteriormente, com suas máquinas fotográficas e de registro cinematográfico. A antropologia visual nasce justamente nessas interrogações sobre a imagem como forma de trabalhar a representação do outro.

Temos como exemplo Malinowski, um dos precursores da utilização de imagens em pesquisas etnográficas, que à época de suas pesquisas “se deu em um período em que a antropologia debatia e criticava os métodos de interpretação vigentes e, por sua vez, buscava novas técnicas de pesquisa em que a obtenção das informações deveria ser baseadas na observação direta” (CAMPOS, 1996, p. 276). O autor usava desenhos, fotografias e pranchas, mesmo não sendo fotógrafo, publicou em seu livro “Argonautas do Pacífico”, demonstrando uma riqueza de imagens. Posterior a ele, a pauta do uso das imagens foi levantada com Franz Boas, Margaret Mead, Gregory Bateson, que abordarei no decorrer deste artigo.

Especificamente no Brasil, o surgimento da antropologia visual deu-se recentemente comparado à países como a França, no entanto, se consolidou com debates de autores como Etienne Samain e Cornelia Eckert. Atualmente, a visualidade se vê cada vez mais presente nas discussões antropológicas, que destrincharei no decorrer desse trabalho.

Tendo me interessado desde antes do início da graduação pelas Ciências Sociais e pela visualidade por influência de meu pai, Alessandro Campos, que é antropólogo, o interesse apenas cresceu durante o curso. Participo do Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem – VISAGEM, que desde sempre dialogou muito com o Projeto RENAS, no qual consegui bolsa de iniciação científica e desenvolvi os subprojetos que compõe esse trabalho.

O Projeto RENAS do Museu Paraense Emilio Goeldi estuda as populações pesqueiras amazônicas desde os anos de 1967, acumulando diversas produções científicas da zona costeira amazônica e suas populações. Lourdes Furtado foi coordenadora do Projeto de 1990 à 2019, orientando estudantes de graduação e pós graduação na área de ciências humanas e antropologia da pesca. Durante esse período, foi criado um banco de imagens – BIP RENAS – que armazena imagens que foram capturadas e utilizadas nessas pesquisas.

Fruto de dois anos de pesquisa em iniciação científica, esse trabalho junta dois subprojetos: o primeiro, que analisa o uso de imagens em monografias orientadas pela Dra. Lourdes Gonçalves Furtado; e o segundo, que investiga as imagens da Terceira Fase do Projeto RENAS presentes no Banco Imagético – BIP RENAS.

Com as monografias, busquei dialogar com as literaturas sobre antropologia visual para analisar o uso das imagens nas pesquisas do Projeto RENAS, tentar entender a finalidade e o quê o pesquisador buscou repassar com a utilização ou não de recursos imagéticos em sua pesquisa antropológica com populações tradicionais pesqueiras. Além disso, levantar dados quantitativos de números de imagens utilizadas, e dividi-las em subcategorias para fins de compreensão de seu uso.

Com a pasta da Terceira Fase do Banco Imagético, o objetivo foi analisar o acervo imagético e de que forma foi utilizado o audiovisual durante a construção do projeto e suas pesquisas etnográficas.

Para compor a discussão sobre o uso imagético, realizei levantamento bibliográfico sobre o marco histórico-teórico da antropologia visual, suas principais questões e colaboradores, além de que forma essa vertente da antropologia trata as imagens e as interpreta no âmbito das pesquisas etnográficas. Para obter as monografias, recorri aos repositórios *online*. As dissertações e teses escolhidas para esta pesquisa foram selecionadas por dialogarem com a antropologia e com temas da pesca e estudos das populações tradicionais, temáticas estas que compõem as linhas de pesquisa do Projeto RENAS. Especificamente para a análise do Banco Imagético, realizei o levantamento de dados sobre o acervo presente no BIP RENAS, presente no

Laboratório dos Meios Aquáticos – LAMAQ, classificando-as por: a) nome da pasta e b) quantidade de subpastas c) quantidade de fotografias e d) quantidade de vídeos.

Dessa forma, meu objetivo aqui é analisar como as imagens entraram no contexto da antropologia, como seu uso se relaciona com as práticas antropológicas e quais suas potencialidades, principalmente no âmbito das pesquisas em antropologia da pesca. De que forma o uso imagético do Projeto RENAS demonstra a capacidade metodológica das imagens em pesquisas etnográficas? Essa pergunta busco tentar responder no decorrer desse trabalho.

Primeiro, discorrerei sobre a história do Projeto RENAS, como e por quem foi criado; quais seus objetivos e sua área de pesquisa. Além disso, explicar sobre a origem do Laboratório dos Meio Aquáticos e a criação do Acervo e do Banco de Imagens. Após isso, utilizo do marco histórico-teórico da antropologia visual para fomentar a discussão desta pesquisa e da utilização de imagens pelo Projeto. Com um capítulo para cada fase de minha pesquisa, na Fase I o foco é voltado para análise da utilização de imagens nas monografias. Na Fase II, o Banco Imagético e Acervo se faz como objeto de estudo. Por fim, seguiremos para as considerações finais e conclusão das investigações abordadas neste trabalho.

2. O Projeto RENAS – história, o Laboratório e o Banco de Imagens

O Projeto RENAS - Recursos Naturais e Antropologia das Sociedades Marítimas, Ribeirinhas e Estuarinas da Amazônia: Relações do Homem com o seu Meio Ambiente – têm seu início datado em 1990, concebido no Museu Paraense Emílio Goeldi pelos pesquisadores Lourdes Gonçalves Furtado, Isolda Maciel, Maria José Carvalho, Arian Nery, Ivete Nascimento e Ruth Cortez.

No contexto deste projeto são realizados dezenas de estudos no âmbito do cotidiano das populações tradicionais com vista a compreender e valorizar os conhecimentos que perpassam pela identidade sociocultural desses grupos. O projeto foi criado visando identificar, analisar e difundir as relações e processos pertinentes às sociedades haliêuticas e sua dinâmica na Amazônia. Durante seus 30 anos de história, o Projeto RENAS realizou diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão, além de formar vários pesquisadores. Com estudos antropológicos e interdisciplinares, foi

pioneiro nos estudos sobre as dinâmicas políticas e socioculturais das populações haliêuticas amazônicas.

Dividido por fases, cada uma com seu devido enfoque em suas pesquisas e tendo em comum o interesse em pesquisar as populações haliêuticas, o Projeto RENAS inicia sua primeira etapa com a Primeira Fase em 1994, que prosseguiu até 1998. Seu objetivo era ampliar a geração de conhecimento sobre a realidade da pesca amazônica, que ainda permanecia invisível na sociedade regional.

Na transição para a Segunda Fase, foi ministrada uma oficina denominada “Recursos Naturais, Conflitos e Gestão na Pesca Amazônica” no Museu Paraense Emílio Goeldi, visando ouvir os interesses das comunidades, firmar parcerias e concomitantemente elaborar, a partir dos resultados, um Projeto para a Fase que se vinha.

A Segunda Fase, iniciada em 1999 e que prosseguiu até 2002 com recursos financeiros do International Development Research Centre (IDRC - Canadá), enfocou a tema “Organização social, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável para as Comunidades Pesqueiras da Amazônia”. Se obteve ainda mais parcerias firmadas com instituições de pesquisa e extensão, gerando resultados para diversos setores, como a difusão de conhecimento e interação ainda mais presentes com as comunidades pesqueiras.

Começando no final de 2002, a Terceira Fase enfatizou reunir e gerar conhecimentos e disponibiliza-los em Documentos Científicos e de divulgação, com exposições etnográficas e oficinas museológicas ministradas. É nesta fase que surge o Laboratório dos Meios Aquáticos (LAMAq) como um núcleo de estudos e trocas entre os pesquisadores.

Fundadora e coordenadora do Projeto de 1990 até 2019, Lourdes Gonçalves Furtado orientou estudantes de graduação e pós-graduação na área de ciências humanas e antropologia da pesca. Tendo como referência sua experiência em laboratórios de antropologia na França, Lourdes Furtado decide criar o Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos (LAMAq), vinculado ao Projeto RENAS e ao Museu Paraense Emílio Goeldi, sendo esse um dos primeiros laboratórios de antropologia na Amazônia.

Presente fisicamente no Laboratório, foi construído o Banco de Imagens - BIP RENAS, onde acumula imagens de trabalhos de campo dos pesquisadores colaboradores do projeto. Justamente por conceber a imagem como importante para a pesquisa científica, Lourdes Furtado cita como cria esse olhar para o uso imagético:

“Como aprendiz do ofício de antropólogo, por orientação de Eduardo Galvão, meu Orientador científico no Museu Paraense Emílio Goeldi, desde 1967 até 1976, tive oportunidade de treinar meu olhar para obter imagem, tanto quanto possível, antropológica, isto é, a partir do enfoque temático de sua pesquisa e das possibilidades de compartilhamento do povo com o qual você está trabalhando” (GONÇALVES, 2014)

O BIP RENAS é composto por pastas presentes num computador, localizado no Laboratório, divididas por fases do Projeto - da Primeira à Terceira Fase - e por eventos ministrados durante esse período. Nelas, fotos capturadas pelos pesquisadores colaboradores durante suas idas a campo, participações em seminários, palestras e reuniões.

Além disso, o Laboratório contém um acervo físico onde contém trabalhos de conclusão de curso, relatórios de pesquisa, dissertações e teses dos pesquisadores e/ou que foram orientados pela professora Lourdes Furtado durante os anos do projeto. Ambos acervos, imagético e documental, foram objetos desse trabalho em dois períodos da iniciação científica dessa pesquisa.

Figura 1 – Computador do Banco Imagético e à esquerda o acervo físico com as pesquisas.



Fonte: pela autora.

No entanto, cabe ressaltar que as monografias aqui analisadas foram obtidas por meio de repositórios *online*, pois durante esta fase do subprojeto, os números de infecções pela Sars-Covid-19 estavam altos, o que impossibilitava o acesso ao acervo físico.

3. Marco histórico-teórico da Antropologia Visual

As imagens são objetos complexos, onde, às vezes, ultrapassam o lugar de imagem e encaixam-se “na caixa das coisas vivas” (SAMAIN, 2012, p.21). Como Samain defende, toda imagem nos oferece algo para pensar, é portadora de pensamento e fonte de comunicação. Uma imagem é capaz de produzir diversas interrogações e desdobramentos, capaz de carregar memórias e possuidora de uma polissemia marcante.

A visualidade tornou-se cotidianamente presente na sociedade ocidental, especificamente na era chamada de “reprodutibilidade técnica” (BENJAMIN, 1936) – capaz de produzir imagens em larga escala –, que vem acompanhando os antropólogos desde o século XIX (RIBEIRO, 2005, p. 615). Como anteriormente citado, temos Malinowski como precursor do uso de imagens nas pesquisas antropológicas, com capturas fotográficas utilizadas como método de apoio, como aliada do caderno de campo.

Via-se a imagem como reprodução da realidade cultural em que se capturava. Apesar de haver uma desconfiança com o uso das imagens, cresceu-se uma esperança de que ela resolvesse problemas metodológicos, como da objetividade. As imagens eram usadas como ilustrações na pesquisa, apenas como método alternativo e complementar da escrita.

Franz Boas, utilizou-se da fotografia intensamente em suas expedições, onde capturava rituais, danças, festas, cotidiano do trabalho das populações, etc. Ele foi inovador no seu método do uso das imagens fotográficas:

“Tanto na expedição ao Estreito de Torres, quanto nas fotos utilizadas por Boas, há um valor documental inegável, são fotos realistas, associadas à observação, evidência, verdade e integridade cultural, atributos típicos do projeto antropológico da época” (CAIUBY, p. 12, 2012).

Margaret Mead e Gregory Bateson, nas suas pesquisas de análise da infância, desenvolvimento infantil, socialização e personalidade de crianças, também viam nas

fotografias um instrumento metodológico. Mead afirma que “uma imagem pode conduzir-nos à possibilidade de maior compreensão do real, por permitir, várias e várias vezes, a retomada da realidade para análise” (KOURY, p. 50, 1999). Ela defendia a câmera como “olho espião”.

A antropologia visual vem se desenvolvendo cada vez mais no Brasil, onde a partir os anos 70 recebeu uma maior valorização devido a percepção da capacidade do documento imagético de ser usado.

A produção recente entre os pesquisadores em Imagem e Ciências Sociais é bastante auspiciosa. É possível dividi-la em três segmentos básicos: o primeiro, referente àqueles que lidam com a produção fotográfica e videográfica de modo específico para registro e catalogação do real estudado; o segundo, que abrange os que pensam analiticamente os processos geradores de imagem como produção cultural e social; o terceiro, concernente aos que usam a imagem como recurso complementar para seus trabalhos (KOURY, 1999, p. 55).

Etienne Samain, antropólogo de origem belga, contribui quando diz que as imagens são “formas que pensam”, que toda imagem oferece uma forma de diálogo, sendo um dos principais teóricos da antropologia visual no Brasil. “O Fotográfico”, publicado em 1998, é o livro de sua autoria que coleta artigos de pesquisadores sobre imagens.

Cornelia Eckert, é coordenadora do NAVISUAL – Núcleo de Antropologia Visual – do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado com intuito de difundir debates sobre o uso imagético no material etnográfico, contribuindo para a construção da antropologia visual no país. Discorrendo sobre a trajetória da antropologia da imagem no Brasil, Eckert (2016, p. 282) defende que atualmente esse campo científico é de “envergadura”. Com a criação Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV/ABA) em 1999, pode-se perceber a consolidação da antropologia visual como área de conhecimento.

Desde então, o crescimento dos grupos de antropologia visual, trabalhos de graduação, pós-graduação e pesquisas fundaram a base: a formação (PEIXOTO, 2018). Grupos como Grupo de Antropologia Visual/GRAVI, Laboratório da Imagem e Som/LISA em Antropologia, NAVISUAL e Banco de Imagens e Efeitos Visuais/BIEV foram essenciais para a expansão do debate e da formação de novos pesquisadores. Após,

surgiram grupos como o NAVIS/Núcleo de Antropologia Visual e até mesmo o Grupo de Pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem/VISAGEM, no qual faço parte.

Podemos verificar que o uso das imagens na antropologia repassou por vários métodos durante sua trajetória, construindo sua história científica-teórica com autores que viam nas imagens formas de questionamentos do mundo, das culturas e dos costumes.

4. Fase 1 – análise do uso imagético nas dissertações e teses

Como dito anteriormente, esse trabalho une dois subprojetos de iniciação científica, vinculado ao Museu Paraense Emilio Goeldi, nos períodos de 2021 a 2022. A Fase 1, ou seja, a primeira pesquisa, teve como objetivo analisar especificamente o uso de imagens nas dissertações e teses orientadas pela Dra. Lourdes Gonçalves Furtado e as monografias da própria. Isso se deu justamente por Lourdes Furtado ser uma das fundadoras do projeto e de grande contribuição para a pesquisa em antropologia da pesca na Amazônia. As monografias escolhidas foram as que dialogavam com essa linha de pesquisa.

Ao lidar com os trabalhos, os categorizei por título, natureza, período de publicação e a quantidade de imagens. No entanto, separei as imagens por imagens contidas no corpo do texto e anexos, separadamente, pois acredito que ao serem tratadas de forma diferente na pesquisa que foram utilizadas, devam ser abordadas com um olhar especial.

Quadro 1 – Lista de teses e dissertações de orientandos de Dra. Lourdes Gonçalves Furtado utilizadas para análise deste trabalho.

Autor	Título	Natureza	Período	Quantidade de imagens
Aginaldo Aires Rabelo	Os meandros da memória: um mergulho no imaginário às margens do rio Capim	Dissertação	2008	20 + 5 anexos
Evanildo Moraes Estumano	Tradições de Conhecimento na Amazônia: uma	Tese	2018	30 + 5 anexos

	etnografia sobre o senso comum na pesca artesanal			
Isabel Soares de Souza	Aviamento e Reciprocidade: estudo da vila de pescadores-Apeú-Salvador-Viseu	Dissertação	2000	27 + 5 anexos
Lourdes Gonçalves Furtado	Curralistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará	Tese	1987	47
Maria Regina Ribeiro Reis	Na Friadagem do Manguezal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó)	Dissertação	2007	51
Thainá Guedelha Nunes	Viver às margens do rio: identidade e pertença na ilha do Combu/PA	Dissertação	2007	43
Wilma Marques Leitão	O pescador mesmo: um estudo sobre o pescador e as políticas públicas no Brasil	Dissertação	1996	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Com estas monografias, busquei investigar o uso das imagens nestas pesquisas e suas funções nas etnografias, isto é, o que o antropólogo etnógrafo buscava com aquele material imagético? Cabia a imagem apenas a função de ilustração na pesquisa? Era fruto da interação com o grupo estudado? A imagem se mantinha como mecanismo de exposição daquela realidade? A produção de imagens visa uma função e fins determinados, principalmente quando inserida no contexto etnográfico. Por isso, busco entender o que o autor pretendia no uso das imagens em sua pesquisa, como cita Etienne Samain, quase que poeticamente, “desdobrar as imagens”, e o que elas têm a nos fazer pensar. (SAMAIN, 2014).

4.1 Categorias das imagens

As imagens foram organizadas em categorias, com o objetivo de compreender as formas de uso imagético utilizadas pelos autores em suas monografias. Foram criadas

3 categorias, “fotografias” – registros fotográficos –, “ilustrações/desenhos” – desenhos, pinturas ou colagens – e “anexos”, configurando esta última como qualquer imagem que o(a) autor(a) denomina como anexo em sua pesquisa (Tabela 2).

Quadro 2 – Categorias e número de imagens das monografias pesquisadas

Autor	Título	Número de fotografias	Número de ilustrações/desenhos	Número de anexos
Agnaldo Aires Rabelo	Os meandros da memória: um mergulho no imaginário às margens do rio Capim	20	0	5 anexos
Evanildo Moraes Estumano	Tradições de Conhecimento na Amazônia: uma etnografia sobre o senso comum na pesca artesanal	12	18	5 anexos
Isabel Soares de Souza	Aviamento e Reciprocidade: estudo da vila de pescadores-Apeú-Salvador-Viseu	27	0	5 anexos
Lourdes Gonçalves Furtado	Curralistas e Redeiros de Marudá: pescadores do litoral do Pará			0
Maria Regina Ribeiro Reis	Na Friadagem do Manguezal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó)	49	2	0
Thainá Guedelha Nunes	Viver às margens do rio: identidade e pertença na ilha do Combu/PA	43	0	0
Wilma Marques Leitão	O pescador mesmo: um estudo sobre o pescador e as políticas públicas no Brasil	0	0	0

Fonte: Elaborado pela autora.

Como possível observar, a maior utilização imagética se encaixa na categoria de uso de fotografias nas pesquisas analisadas. Godolphim aponta a fotografia como técnica etnográfica de pelo menos três formas:

a) a fotografia como um instrumento de pesquisa, isto é, de produção de conhecimento etnográfico, onde a fotografia é tomada como mais uma técnica de documentação, junto com caderno de campo e o gravador, que se usa para registrar seus dados; b) como elemento de interação na devolução do material fotográfico, estimulando a relação com o grupo estudado e abrindo um campo de diálogo, de expressão da memória e das reflexões dos informantes sobre as imagens devolvidas; c) a fotografia como um elemento do discurso antropológico: como parte integrante de um “texto” que o antropólogo constrói ao propor uma interpretação da situação social estudada (GOLDOPHIM, 1995, p. 167-168).

É nesse sentido que analiso o uso das imagens nas pesquisas selecionadas, especificamente as fotografias, pois “quando olhamos para uma fotografia, olhamos a realidade que ela nos apresenta ao reapresentá-la” (NOVAES, 2015). As seis monografias acumulam no total 218 imagens e 15 anexos, vislumbradas no contexto de suas pesquisas. O que busco ao separar essas imagens é perceber se há uma preocupação do pesquisador com o tratamento delas e o quê que a utilização das mesmas diz sobre a relação do autor com o recurso imagético.

Agnaldo Aires, em sua dissertação, abraçando o método etnográfico de Malinowski, investiga a comunidade da vila de Sant’Ana do Capim, articulando “imaginário, identidade e memória” (AIRES, 2008, p.12) em sua pesquisa etnográfica. Utiliza de fotografias de sua autoria para mostrar os cenários de lugares da vila, conjuntamente de descrições escritas sobre os locais e suas importâncias históricas, auxiliando o leitor a “entrar” na Vila do Capim. Assim como, também, as fotografias de santos e procissões realizadas ajudam a expor a religiosidade da população. Pode-se perceber que as fotografias de Agnaldo se misturam com uma comprovação de sua estadia no campo com uma tentativa de usar desse meio imagético para auxiliar na experiência de explanação da vila.

Figura 2 – Fotografia retirada da dissertação de Agnaldo Aires. “Crianças durante o banho diário do trapiche do Cai n’água às margens do rio Capim, no exercício permanente das práticas corporais”.



Fonte: Agnaldo Rabelo, outubro de 2009.

Atento-me às fotografias das lideranças quilombolas e dos “Velhos das Antigas de Sant’Ana do Capim”, colocadas no corpo do texto, mas também como anexos, usando a fotografia como forma de memória àqueles que ajudaram a construir a história de Capim, mostrando como “as imagens fotográficas oferecem a possibilidade de retratar dimensões sociais íntimas, familiares e coletivas” (MEIRINHO, p. 67).

Figura 3 – Fotografia retirada da dissertação de Agnaldo Aires. “Seu Joãozito, uma das principais lideranças Quilombolas”.



Fonte: Agnaldo Rabelo, outubro de 2009.

Evanildo Estumano, em sua tese onde examina o senso comum na pesca do marapá, narra na Seção I o processo da cogitação do uso da fotografia, descreve que após o primeiro contato com a Turma de Pesca, as pessoas o questionavam sobre o material de filmagem, “ou mesmo pedindo para fotografar alguém do grupo como motivo de brincadeira” (ESTUMANO, 2018, p. 40). Aqui a imagem mostra-se como uma troca com a população pesquisada, como forma de aproximação e diálogo. Apesar disso, no corpo do texto, suas fotografias se focam em grande parte nas localidades como a Casa Comunitária da Sede da Comunidade Cristã de Jorocazinho de Baixo.

Figura 4 — Fotografia retirada da tese de Evanildo Estumano “Casa Comunitária, Sede da Comunidade Cristã de Jorocazinho e Baixo”.



Fonte: ESTUMANO, E.M. Arquivo Fotográfico — Dados de Campo 2015.

Estumano utiliza desenhos por ele para demonstrar as etapas do processo do “borqueio” – modelo de trabalho de pesca aberta realizado em equipe (ESTUMANO, 2018, p.132,) –, usando dessa descrição visual por meio de ilustrações para permitir a construção de uma ideia geral de como esse método funciona.

Figura 5 — Desenho retirada da tese de Evanildo Estumano “Borqueio. Etapa 1: emendar a rede”.



Fonte: ESTUMANO, EM. — Desenhos KROM.

Em sua monografia sobre o sistema de aviamento na pesca de Viseu, no corpo do texto, Isabel utiliza-se somente da escrita para compor seus desdobramentos de pesquisa, inserindo entre parênteses o número da fotografia que é capaz de ilustrar a situação descrita. Fica ao critério do leitor ver ou não a imagem posicionada no anexo como auxílio de interpretação das situações descritas. Nesse caso, as fotografias mostram-se como ilustrações, que auxiliam o entendimento da pesquisa, mas não são objetos de preocupação analítica, apenas como “reforço do real trabalhado” (KOURY, 1999, p. 50).

Figura 6 – Fotografia extraída da dissertação de Isabel Sousa. “Rede tainheira utilizada pelos pescadores de Apeú Salvador.



“Na Friadagem do Manguezal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó)”, dissertação de mestrado de Maria Regina Ribeiro Reis, é composta abundantemente por fotografias para mostrar a realidade cultural dos tiradores de caranguejo da Vila do Carajó. Fotos que mostram desde as localidades da comunidade até suas interações socais-culturais, exibindo também nas imagens confecção e construção de instrumentos de pesca. Destaco uma fotografia particularmente encantadora para mim, inserida conjuntamente da descrição escrita de Maria Regina quando ela retrata como um dos:

Importantes momentos de sociabilidade dos moradores da Vila: a catação de piolhos, que se prolonga até as dezoito horas num infinito bate papo, momentos em que os moradores, na maioria mulheres e crianças, atualizam-se nos acontecimentos da vila (REIS, 2007, p. 74).

Figura 7 – Fotografia extraída da dissertação de Maria Regina Reis. “Catação de piolhos”.



Fonte: Regina Reis, fevereiro de 2006.

O uso imagético de Maria Regina se faz presente em toda sua monografia, utilizando as imagens como metodologia de apoio à escrita, usando as duas formas de forma concisa e dialogando entre si. As fotografias são utilizadas como produção do conhecimento etnográfico. Ele encaixa-se no conceito de Achutti (1997) de fotoetnografia, onde se existe “no uso da fotografia como uma narrativa imagética capaz de preservar o dado e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do

grupo estudado”. Pode-se perceber nas imagens da autora um conforto com seus interlocutores, fotografias que são possíveis de serem capturadas apenas se ocorreu uma aproximação com a comunidade pesquisada.

As fotografias estão quase sempre entrelaçadas com a escrita de situações, locais e convivências descritas por Thainá Guedelha em sua dissertação. Ela interliga as imagens ao texto concomitantemente, tornando o visual e o não visual um conjunto concernente.

Quando uma narração visual que utiliza a fotografia é articulada com um texto escrito, ela só tem a contribuir – da mesma forma que a poesia e a literatura – para enriquecer e facilitar as interpretações dos dados, particularmente quando estes resultam de universos sociais cuja densidade e complexidade crescem a cada dia e nos quais as imagens se impõe cada vez mais como elementos próprios à sociabilidade, como relevadores das diferentes praticas culturais (ACHUTTI, 2004, p. 83).

Figura 8 – Fotografia extraída da dissertação de Thainá Guedelha. “Crianças do Igarapé do Combu na Sala de Leitura”.



Fonte: Thainá Guedelha Nunes, 2016.

Wilma Leitão não utiliza de imagens em sua monografia realizada em 1996 sobre políticas públicas do Brasil para pescadores, e mesmo a não utilização de imagens deve ser aqui fruto de análise. Acho curioso ressaltar que, mesmo produzindo sua tese anos antes, em 1987, Lourdes Furtado é uma grande usufruidora de fotografias e desenhos em sua pesquisa. Trazendo o contexto histórico do uso de imagens nas pesquisas de ciências sociais no Brasil:

É a partir dos anos setenta que as imagens passam a ganhar um espaço mais evidente de documentação nas ciências sociais do país. Os arquivos começam a ter uma preocupação mais objetiva com esses materiais, vistos como elemento analítico importante para a configuração histórica e social do país”. (KOURY, 1999.p. 51).

Assim sendo, as duas monografias mostram um paralelo, onde uma apenas se apropria da escrita para sua produção de conhecimento, enquanto a outra carrega 47 imagens em sua composição.

Lourdes Furtado, em sua monografia sobre curralistas e redeiros de Marudá, utiliza veemente das imagens para seu delicado e inovador trabalho em observação participante sobre as mudanças socioculturais dessa comunidade. Dialogando com o texto e com os dados apresentados pela escrita, as imagens – sejam elas ilustrações dos apetrechos de pesca, mapas e fotografias – parecem estar unidas intrinsecamente com o resto da monografia.

As fotografias, mesmo que geralmente apresentadas quase que em colagem, unidas e as vezes catalogadas como uma só figura, ainda recebem uma preocupação de serem visíveis; não estão ali apenas para dar uma “graça” ao texto, mas sim para complementar e deixar o autor à par das análises que Lourdes Furtado faz ao longo de sua pesquisa.

Figura 9 – Imagens extraídas da monografia de Lourdes Gonçalves Furtado.

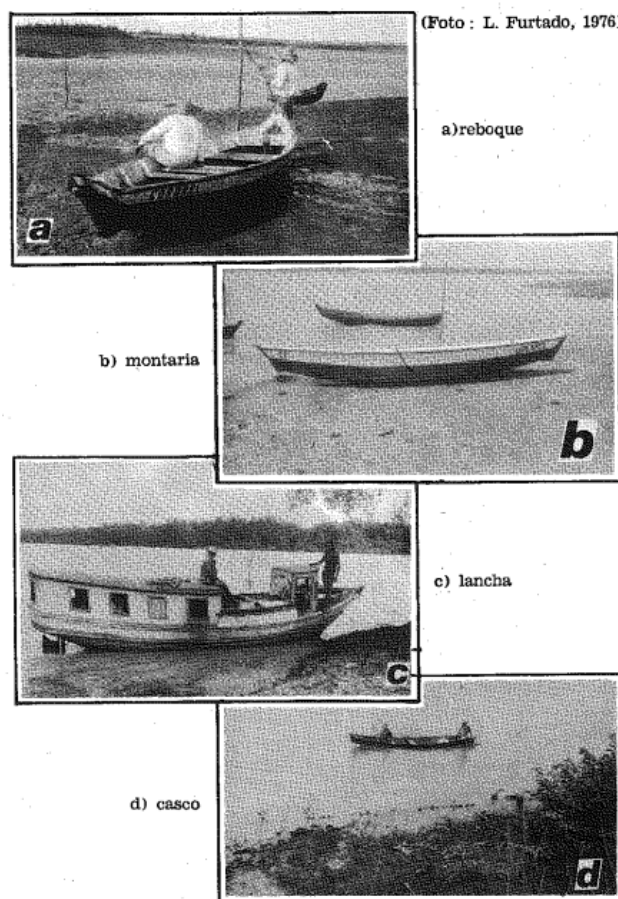


FIG. 35 — Embarcações utilizadas no litoral de Marapanim

Fonte: Lourdes Gonçalves Furtado, 1987.

Podemos analisar que cada pesquisador possui uma relação com o uso imagético, mas que na grande maioria as imagens se fazem presentes em suas pesquisas etnográficas. Mesmo sem leituras específicas da antropologia visual, fotografias e desenhos compõem as etnografias; talvez não intrínseca para os autores quanto a escrita, mas elas estão ali, fazendo parte das monografias, tomando um espaço mesmo que ora tímido.

5. Fase 2 – análise do acervo

No levantamento sobre as pastas que remetiam às Fases III e IV do Projeto RENAS, que são as fases de análise específicas destas pesquisas, foram constatadas

apenas pastas para a Fase III (2003-2013). Com o conteúdo de 15 pastas, algumas delas divididas em subpastas, somaram 2.582 imagens e 4 vídeos.

Quadro 3 – Pastas contidas no Banco Imagético na pasta principal “Projeto RENAS III – 2003 a vigente” e quantidade de subpastas, fotografias e vídeos

Nome da pasta	Quantidade de subpastas	Quantidade de fotografias	Quantidade de vídeos
Cooperação internacional entre países de Língua Portuguesa	6	764	2
Dissertação Alice	0	53	0
Regiane Alves – Pesquisa de Campo	0	30	0
Subprojeto Maria José Oliveira Silva	0	58	0
Lamaq – Seminários	2	89	0
Oficina EXPOEC		34	0
Projeto Oficina Gestão Solidária	1	59	0
Projeto PPGCS-UFPA-MPEG		45	2
Projeto RESEX Mãe Grande	11	1041	0
RENAS vai para Curuçá	1	290	0
Reunião RENAS III	0	3	0
Seminário Apresentação Trabalhos Científicos LAMAQ	0	25	0
Exposição Museu de Portas Abertas	0	13	0

Fonte: Criada pela autora baseada no Banco de Imagens – BIP RENAS.

Com isso, pode-se analisar que nas pastas da Terceira Fase, os pesquisadores do

Projeto preocuparam-se com a utilização de imagens para registros. Sejam eles para comprovação de campo – percebida na antropologia desde Malinowski –, para construção da memória do projeto ou como metodologia para a análise de instrumentos e culturas das populações pesquisadas, para futuras consultas, como era comum nos laboratórios na época em que foi fundado.

O acervo imagético do RENAS é um grande fomentador de pesquisas, pois além de ser extremamente rico no que tange a imagens de populações haliêuticas, ele narra a própria história do projeto. Com fotografias e vídeos capturados pelos pesquisadores que se fizeram presentes em pesquisas de campo, palestras e projetos vinculados, o BIP RENAS tem uma potencialidade enorme com a memória de cada um deles.

O papel desta pesquisa ao trazer o diálogo com a antropologia visual é de justamente mostrar a capacidade metodológica dessas imagens nas pesquisas etnográficas e do debate sobre a memória tanto dos pesquisadores quanto a memória social das populações tradicionais. As imagens do acervo aqui possuem diversas possibilidades, narrando a história do Projeto e a relação entre pesquisador e pesquisado por meio de fotografias e vídeos, citando Peixoto (2001), “imagens do outro, imagens de si”.

Figura 10 – Pescador limpando peixe.



Fonte: Banco de Imagens – BIP RENAS.

“Mergulhando nas imagens”, como diz Etienne Samain (2012), e nas pastas contidas no acervo, pude perceber que o audiovisual sempre esteve presente na história do Projeto RENAS, tendo os pesquisadores ou não um estudo aprofundado sobre a antropologia visual. Seja para a construção de memória do projeto ou para captura da sociabilidade e mecanismos de pesca, houve uma preocupação com esse Olhar do Outro que Jean Rouch, fundador da antropologia compartilhada, defendia.

Figura 11 – Pescadores mostrando rede de pesca.



Fonte: Banco de Imagens – BIP RENAS.

O Banco Imagético é como um processo dinâmico, onde o exercício etnográfico revela as memórias visuais existentes nas imagens. Mendonça (2017, p. 74) relata em como a noção de “campo imagético” implica num “fluxo de imagens em movimento contínuo. São memórias visuais latentes entre a materialidade analógica e a virtualidade virtual”.

Dessa forma, as imagens como esse objeto de análise, principalmente num projeto em que tem como intuito pesquisar populações tradicionais e haliêuticas, tem grande potência para descrever aspectos sociais e culturais para além das limitações da escrita.

“As relações entre sociedades estudadas em seu aspecto sociocultural, o fotógrafo-etnógrafo, os interlocutores e as imagens visuais

que aquele produz pode induzir à reflexão não apenas sobre a criação das mesmas. Cresce-se a isso a análise do conteúdo nelas presente e, também, os ocultamentos que se interpõem nos diversos momentos de interpretação dessas imagens”. (SILVA, 2016, p. 106)

Devido isso, os acervos etnográficos são de extrema importância para o diálogo intercultural. Trata-se de conhecimentos tradicionais, memórias e patrimônio dessas comunidades, retratados por meio de fotografias, desenhos e vídeos, revelando as práticas dessas populações.

Figura 12 – Pescadores separando peixe.



Fonte: Banco de Imagens – BIP RENAS.

Temos então o audiovisual como grande potencializador narrativo de histórias e memórias no projeto, onde as imagens são esses objetos descritivos. Citando Etienne Samain, a antropologia precisa entender “que uma dissertação ou uma tese em antropologia social possa vir a substituir seus sagrados volumes escritos por fitas videográficas” (SAMAIN, 1995, p. 24).

6. Considerações finais

Com a presente pesquisa pode-se perceber que a antropologia visual vem fomentando cada vez mais debates sobre o uso imagético nas produções antropológicas e etnográficas, trazendo consigo um marco histórico-teórico significativo. No entanto, a

preocupação com o cuidado do tratamento mais sensível das imagens no texto é mais recente.

O Projeto RENAS e as monografias orientadas pela Dra. Lourdes Furtado resultaram em uma quantidade significativa de imagens produzidas nas pesquisas com as populações pesqueiras da Amazônia. Eles são ricos em frutos de debates e análises importantes para a discussão da utilização de imagens na antropologia.

Posso dizer que a data de produção não foi determinante para definir a utilização de imagens nas pesquisas. Mostra-se aqui uma questão da escolha do autor sobre usufruir ou não de imagens em sua monografia e como o fazer, quais imagens empregar e onde as posicionar, correlacionando com a escrita ou as colocando apenas como forma de ilustração.

As imagens como formas de anexos ainda se fazem presentes, que é algo que o debate recente da antropologia visual busca lutar contra, pois acredita no potencial imagético como recurso de investigação. Busca-se empregar um valor às imagens, não apenas como apenas ilustrações, mas como objetos de análise e metodologia tão significativa como a escrita vem sendo defendida nas ciências, e consequentemente, nas ciências sociais. Por isso, cabe difundir ainda mais o diálogo entre a antropologia visual e a antropologia, e no âmbito deste artigo, a antropologia pesqueira.

Por meio do levantamento sobre o acervo imagético da Terceira Fase, pode-se concluir que ele se constitui por quatro perspectivas a) a história da construção do Projeto RENAS b) capturas de imagens das populações haliêuticas e suas tecnologias c) participações em projetos e seminários e d) idas a campo.

A quantidade de imagens e o cuidado com o tratamento delas dentro do acervo demonstra a preocupação do Projeto RENAS com o audiovisual, mesmo que sem influência direta com a antropologia visual nas fases anteriores. Isso demonstra um diálogo já existente com o uso imagético, que pode ser aprofundado com a propagação do conhecimento e do debate da antropologia visual conjuntamente com o da antropologia da pesca, que se faz extremamente necessário para potencializar ainda mais essas pesquisas etnográficas.

É importante frisar em como o Banco Imagético do RENAS possui um significativo potencial para mais pesquisas futuras, pois possui grande riqueza etnográfica. Dessa forma, deve-se divulgar mais a riqueza deste acervo presente no

Laboratório e em como o Projeto RENAS contribuiu e se mantém contribuindo para a difusão de conhecimentos das populações tradicionais haliêuticas e como ele auxilia essas comunidades – que infelizmente vêm sendo marginalizadas durante os anos – a serem verdadeiramente enxergadas pelo resto da sociedade.

Referências bibliográficas

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Tomo Editorial. 2004.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo. 1997.
- BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. *Balinese character: a photographic analysis*. New York: New York Academy of Sciences, 1942.
- BRAGA DE MENDONÇA, J. M. *Acervos, memórias e antropologia visual: notas sobre a análise de imagens e edição no vídeo memórias retomadas*. Maguaré, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 61–95, 2017. DOI: 10.15446/mag.v31n2.71523. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/maguare/article/view/71523>. Acesso em: 20 jul 2022.
- CAMPOS, Sandra Maria C.T Lacerda. *A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual*. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 6: 275-286, 1996.
- DA SILVA, R. E. *Imagem e pescadores costeiros. A visualidade como elemento articulador do reconhecimento de si e de afetos em contexto de pesquisa de campo numa sociedade costeira – o caso de baía formosa, rio grande do norte, brasil*. Vivência: Revista de Antropologia, [S. l.], v. 1, n. 47, p. 89–110, 2017. DOI: 10.21680/2238-6009.2016v1n47ID11649. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/11649>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- ESTUMANO, Evanildo Moraes. *Tradições de conhecimento na Amazônia: uma etnografia sobre o senso comum na pesca artesanal*. 2018. Tese (doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves. [Entrevista concedida a] Genisson Chaves. *Revista Visagem*, Belém, edição 1, 29 e 30 mai. 2014.
- GOLDOPHIM, Nuno. *A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.
- GURAN, MILTON. *Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica*. Discursos fotográficos, Londrina, v.7, n.10,

p.77-106, jan./jun. 2011. Disponível em: 10.5433/1984-7939.2011v7n10p77. Acesso em: 29 de março de 2022.

KOURY, M.G.P.1999. *A Imagem nas Ciências Sociais do Brasil: Um Balanço Crítico*. BIB: Boletim informativo e bibliográfico de ciências sociais, ANPOCS, Rio de Janeiro, n.º 47. p.49-63.

MARTINS, Humberto. *Sobre o lugar e os usos das imagens na antropologia: notas críticas em tempos de audiovisualização do mundo*. Etnográfica [Online], vol. 17 (2), 2013. Disponível em: . Acesso em: jul. 2022.

MATHIAS, Ronaldo. *Antropologia visual*. – São Paulo: Nova Alexandria, 2016.

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. *Museu Paraense Emilio Goeldi: Projeto Renas*. Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/pesquisa-e-inovacao/programas-e-projetos/projeto-renas-1/projeto-renas>>. Acesso em: 30 de março de 2022.

NOVAES, Sylvia Caiuby. *A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia*. Iluminuras, 13/31, p. 11-29. 2012.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Filme (vídeo) de família: das imagens familiares ao registro histórico*. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Antropologia& Imagem: narrativas diversas*, v. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2011a. p. 11-26

RABELO, Agnaldo Aires. *Os meandros da memória: um mergulho no imaginário às margens do Rio Capim*. 2010. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém.

REIS, Maria Regina Ribeiro. *Na Friadagem do Manguezal: organizar e tirar caranguejos nos fins de semana em Bragança (Vila do Acarajó)*. 2007. Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Pará, Belém.

RIBEIRO, José S. *Antropologia visual: da minúcia do olhar ao olhar distanciado*. Porto, Edições Afrontamento. (Biblioteca das Ciências Sociais/ Antropologia 10). 2004.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 19-49, 1995

SAMAIN, Etienne. *Antropologia, imagens e arte*. Um percurso reflexivo a partir de Georges Didi-Huberman, Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 3, No 2 | -1, 47-55.

SAMAIN, Etienne. *As peles da fotografia*: fenômeno, memória/arquivo, desejo. VISUALIDADES, Goiânia v.10 n.1 p. 151-164, jan-jun 2012.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2012.